



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA
CAMPUS IV - DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

A PRESENÇA DO IMAGINÁRIO INFANTIL NO CONTO “UMA IDEIA TODA AZUL”, DE MARINA COLASANTI

MARIANA OLIVEIRA CAVALCANTE

**CATOLÉ DO ROCHA – PB
2017**

MARIANA OLIVEIRA CAVALCANTE

A PRESENÇA DO IMAGINÁRIO INFANTIL NO CONTO “UMA IDEIA TODA AZUL”, DE MARINA COLASANTI

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Vaneide Lima Silva.

**CATOLÉ DO ROCHA – PB
2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C376p Cavalcante, Mariana Oliveira.
A presença do imaginário infantil no conto "Uma ideia toda azul" de Marina Colasanti. [manuscrito] : / Mariana Oliveira Cavalcante. - 2017.
26 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2017.

"Orientação : Profa. Dra. Vaneide Lima Silva, Coordenação do Curso de Ciências Agrárias - CCHA."

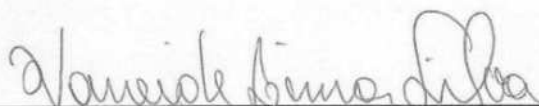
1. Conto de fadas. 2. Imaginário infantil. 3. Crítica literária.

21. ed. CDD 801.95

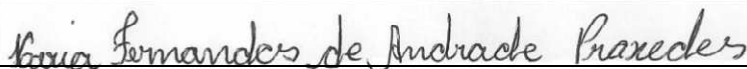
A PRESENÇA DO IMAGINÁRIO INFANTIL NO CONTO “UMA IDEIA TODA AZUL”, DE MARINA COLASANTI

APROVADO EM: 13 de dezembro de 2017.

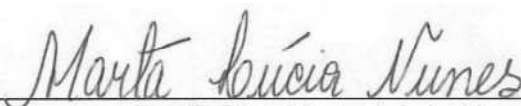
MARIANA OLIVEIRA CAVALCANTE



Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Vaneide Lima Silva
UEPB/ CCHA/DLH



Examinadora: Prof^ª. Ma. Maria Fernandes de Andrade Praxedes
UEPB/ CCHA/DLH



Examinadora Prof^ª. Ma. Marta Lúcia Nunes
UEPB/ CCHA/DLH

Dedico este trabalho a Deus, digno de toda honra e toda glória. Ao Meu avô, Manuel, e Minha Vó Mariana, (*in memória*), que tanto sonharam, trabalharam e me educaram para a conquista desse grande momento. **Saudades eternas!**

AGRADECIMENTOS

Ao Criador, Deus, fiel para cumprir aquilo que promete. A quem dedico primeiramente minha gratidão, por ter me proporcionado a realização deste trabalho.

A minha Mãe, razão do meu viver, para quem me dedico de corpo e alma, com todas as forças.

Aos meus maravilhosos mestres do lar, meu “painho”, vô Manuel, e minha princesinha, vovó Mariana, a quem Deus já recolheu para glória, mas deram todo melhor que podiam para que me deixasse “rica”, como sempre diziam: *“Não temos nada para lhe dá minha filha, apenas o saber, que é a maior riqueza que o homem pode conquistar e o ladrão não rouba”*. Nunca os esquecerei, e todo esforço, noites em claro, cuidando de mim, dedicação e amor, farei torná-los em orgulho, mesmo que não estejam mais aqui, mas honrarei o que os prometi. Meus heróis. As lágrimas não se contêm e rolam no meu rosto. Mas são lágrimas de saudade e gratidão por tudo. Os amarei até a eternidade.

Ao meu esposo, que com muito amor e dedicação sempre esteve ao meu lado, me apoiando, acreditando na minha capacidade e me ajudando nos momentos mais dolorosos dessa carreira. Te amo. Que Deus permaneça sendo sempre o centro de nossas vidas.

Aos Mestres, que com muito amor e paciência me educaram e foram fundamentais na minha formação para que eu chegasse até aqui, principalmente a minha orientadora, Vaneide Lima, que não mediu esforço para me ajudar e permitir a realização desse sonho. Tens um cantinho especial no meu coração.

Não poderei deixar de agradecer aos meus amigos e irmãos, pessoas que Deus escolheu para me amar. Obrigada pelas broncas, ânimo e apoio de todos em todas as horas. (Cleidimar – companheira e mãe de fé; Ledson – irmãos de outra mãe; Assis, Marcos, Keila, Janekelly, Luana, Raquel, Walleson, e Jordson, Lucineide e Josefran – que me cederam a garagem da sua casa, para que eu pudesse produzir este trabalho durante meu expediente de trabalho). As minhas colegas de curso, que por esse tempo estivemos juntas, saudades de vocês. A Ir. Neto, que sempre esteve disposto a me acolher. Muito obrigada. Que Deus recompense grandiosamente a todos. Amo vocês!

“[...] a criança é um ser para quem a ficção corresponde à natural necessidade de compreender o mundo. O que as histórias contam à criança permite um estilhaçar de paredes de vidro que a limitam, levando-a a penetrar num mundo que quer conquistar, mas também lançam luz em zonas obscuras do seu íntimo, clarificando dúvidas, desfazendo medos, construindo, enfim, uma identidade”.

(Veloso, 2005)

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar o conto “Uma ideia toda azul”, de Marina Colasanti, procurando observar de que maneira o imaginário infantil está representado na narrativa. Para tanto, centraremos nossa atenção nos personagens, sem deixar de atentar para o simbolismo da linguagem do conto, que nos remete para o universo marcado pela presença de reis, rainhas, príncipes, princesas, fadas, unicórnios, elementos que tradicionalmente representam a magia dos contos de fadas. Trata-se, portanto, de um estudo de crítica literária, que se fundamenta nas bases da pesquisa bibliográfica, uma vez que recorreremos principalmente aos estudos de críticos como Cunha (2003), Aguiar (2014), Held (1980), dentre outros, para a realização deste trabalho. A análise revela que mesmo se tratando de um texto voltado para o público infantil, o conto sugere uma reflexão em torno da necessidade que algumas pessoas demonstram ao querer preencher o seu vazio e seus anseios e infelicidades em outro ser, apossando-se delas, como se a felicidade só existisse quando se está com alguém.

Palavras-chave: Conto de Fadas. Imaginário Infantil. Crítica Literária.

INTRODUÇÃO

A coletânea de contos infantis de Marina Colasanti, intitulada *Uma ideia toda azul*, publicada em 1979, se compõe de histórias voltadas ao universo infantil, uma vez que nelas identificamos a presença de reis, rainhas, príncipes, princesas, fadas, unicórnios, conforme se verifica na própria apresentação da obra. Tratam de narrativas que causam grande reflexão, pois abordam temas fortes como o amor, a morte, a passagem do tempo, a juventude e a velhice, o impacto das decisões, a solidão, entre outros. De um modo geral, os contos possibilitam, de maneira mítica, pensar sobre como lidar com as maiores incertezas da vida, sugerindo uma reflexão em torno dos nossos próprios valores. Nesse sentido, justifica-se um estudo que se debruce de maneira mais detida sobre os contos, esmiuçando seu enredo, observando seus personagens, atentando para sua linguagem. Diante dessa necessidade, decidimos por analisar o conto que dá título à coletânea – “Uma ideia toda azul” – procurando observar de que maneira o imaginário infantil aparece representado na narrativa. Ou seja, pretendemos verificar de que maneira o imaginário – tão característico da infância comparece representado na narrativa. Para tanto, centraremos nossa atenção principalmente nos personagens principais bem como na linguagem do conto.

Trata-se, desse modo, de um estudo de crítica literária, que se caracteriza do ponto de vista de base bibliográfica. Segundo Marconi & Lakatos (2002), a pesquisa bibliográfica pode ser conceituada como etapa inicial para realização de todo trabalho científico. É a sondagem de todo material bibliográfico divulgado a respeito do tema selecionado para o estudo, desde livros, artigos em PDF, em fim, com a finalidade de aproximar o pesquisador ao especialista da área, dando uma direção concreta e fundamentada à análise da pesquisa.

Organizamos o trabalho em três momentos: No primeiro tópico apresentamos algumas considerações teóricas sobre a narrativa para crianças, e num segundo momento apontamos elementos que a crítica considera como essenciais para o agrado do público infantil, isto é, elementos que podem atrair a atenção do pequeno leitor; ainda nesse tópico enfatizamos a importância do imaginário na formação da identidade infantil; no segundo tópico fazemos uma rápida apresentação da autora – Marina Colasanti – trazendo inclusive comentários de outros estudiosos sobre sua

obra. Por fim, no terceiro tópico, analisamos o conto “Uma ideia toda azul”, procurando identificar a presença do imaginário na narrativa, centrando nossa atenção nos personagens e na linguagem do conto, sem deixar de fazer referência à ilustração da obra.

Acreditamos que trabalhos dessa natureza se fazem importantes na medida em que contribuem para uma maior divulgação da obra de Marina Colasanti, possibilitando aos professores em geral a oportunidade de aumentar o leque de leitura de seus alunos, estimulando o prazer pela leitura e instigando o poder da imaginação, bem como ampliando os estudos acerca da literatura voltada para crianças e jovens, fortalecendo os estudos críticos nessa área da literatura.

1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A NARRATIVA INFANTIL: Aspectos Teóricos

Segundo Cunha (2003), a narrativa infantil não dispensa recursos que atraem o interesse das crianças – leitores em formação. O movimento e o dramatismo se encarregam de enfeitar a história, criar fantasias, situações inusitadas, repletas de improvisos e encantos, elementos considerados indispensáveis quando se trata de uma obra destinada ao público infantil.

De acordo com a autora, um texto bem elaborado para a criança deve apresentar um enredo atraente e que retrate bem o universo infantil. Para Cunha o narrador precisa se preocupar em apresentar descrições curtas e diretas, para que conquiste a atenção do pequeno leitor.

Por sua vez, Aguiar (2001, p. 78) afirma que “a presença de elementos mágicos e o recurso à fantasia têm sido procedimentos recorrentes na literatura infantil para conquistar o leitor”. Para essa autora os contos, entre as demais narrativas, são mais utilizados atualmente na produção infantil, pois são curtos, claros, envolvem fatos ocorridos da atualidade, como também num tempo passado, se apropriando na maioria das vezes do fantástico *Era uma vez*.

Vale lembrar ainda a necessidade que a criança tem de manter contato com a imaginação. Aliás, sobre esse aspecto, vale a pena mencionar a afirmação de Jesualdo (*apud* Aguiar, 2001, p. 83):

A imaginação é um aspecto essencial da mente da criança, e é através dela que sua consciência elabora, num primeiro momento, os dados da realidade circundante: imaginando, o leitor forma novas combinações, joga com objetos e pessoas, faz transferências de características, cria situações e explica o mundo ao saber de sua mente fantasiosa.

Há que se considerar ainda o que Cunha (2003, p. 77) declara a respeito do desenvolvimento das histórias para crianças:

O desenvolvimento de uma história para crianças será forçosamente diferente do de uma narrativa para adultos. É claro que a criança vem acostumando-se aos poucos aos processos narrativos da televisão e do cinema, mas nestes a imagem e outros processos ajudarão a criança a perceber mais facilmente mudanças mais complexas de planos narrativos.

Sendo assim, a autora deixa claro que se faz importante a narrativa linear, com tempo cronológico, sem cortes e voltas ao passado ou a cenas paralelas, sem fluxos de consciência. Desse modo, Cunha sugere que os recursos narrativos mais

adequados à criança costumam formar o conto ou o romance de ação, nos quais predomina a intenção de distrair, sem outro compromisso que o de narrar uma história interessante. Vale destacar, que essa história interessante deve ter o desfecho feliz, sendo este um requisito essencial principalmente para as crianças menores, afinal, a autora acredita que a “amargura não deveria ser desenvolvida no espírito infantil” (CUNHA, 2003, p. 77).

A autora ainda chama a atenção para um elemento muito importante na Literatura para crianças – a ilustração, principalmente quando se tratam de crianças que ainda não sabem ler. Pois através das imagens o pequeno leitor aguça ainda mais a imaginação para criar diversas estórias, a partir do mesmo desenho.

1.1 Sobre a importância do imaginário para a infância

A partir do nosso conhecimento comum, sabemos que o imaginário é uma das capacidades da nossa mente que, nos possibilita criar a representação daquilo que fantasiamos. Barbier (2008, p.20), afirma que: “O imaginário é finalmente a capacidade elementar e irreduzível de evocar uma imagem, a faculdade originária de afirmar ou se dar, sob a forma de representação, uma coisa e uma relação que não existe”.

Assim, é de extrema importância estimular essa área mental da vida da criança. Para tanto, Held (1980, p. 46) defende a ideia de que devemos cultivar a fantasia durante a infância:

Pensamos que a imaginação de uma criança deve ser alimentada, que existe – com a condição de que não se estabeleçam receitas – uma pedagogia do imaginário, que tal pedagogia está a caminho [...] Seria preciso apenas desenvolvê-la.

Creemos que a literatura pode contribuir significativamente para esse cultivo: o contato com o lúdico inerente aos textos literários tende a aguçar esse desejo de fantasia que precisa ser saciado não apenas pelas crianças, mas pelas pessoas em geral. Mas é nessa primeira etapa da vida que colocamos em prática a função mais perfeita da mente. Criar, imaginar, sonhar, são ações fantásticas praticadas principalmente durante a infância.

A criança, diante de um texto, uma história, seja contada para aquelas que ainda não sabem ler, ou mesmo através de desenhos e gravuras, ou a partir da

brincadeira com um objeto qualquer, logo consegue verbalizar o cenário da história, cria personagens, até nomeia-os. Distancia-se do mundo real, adentrando a um mundo fabuloso, fantástico, ludibriando na maioria das vezes a realidade que a cerca. Segundo Held (1980, p.45):

A criança atravessa, inelutavelmente, uma longa fase de “brinquedo simbólico”, e ninguém se espanta ao vê-la brincar com boneca, de casinha, de fazer compras, de cavaleiro ou de guerra. A criança, no entanto, está em pleno imaginário: fala com um cavalo... que é um cabo de vassoura, ou transforma a pedra em pássaro.

Sendo assim, podemos afirmar que brincar, observar animais nas nuvens, nomear personagens ou brinquedos, são exemplos simples que fazem parte da rotina infantil que demonstram esse desejo de fantasia tão comum entre as crianças.

A capacidade de criar precisa ser melhor aproveitada pela escola, que precisa explorar mais lúdica a Literatura, afinal, ela sacia em nós o desejo pelo efabulado. Aliás, a leitura em geral necessita ser mais trabalhada no contexto escolar, principalmente a leitura de textos literários, que tem uma função social extraordinária, sobretudo nas séries iniciais: desenvolver a sensibilidade dos leitores.

Não adianta querer tomar a Literatura como pretexto para ensinar ou explorar aspectos linguísticos: necessário se faz tomar a leitura como uma atividade de prazer e alegria, sem imposições ou cobranças que só distanciam o aluno do texto literário, deixando, assim, de formar leitores. Sendo assim, os contos de Marina Colasanti poderão e deverão ser muito bem vindos na sala de aula, uma vez que o simbolismo que povoa as histórias da autora aguçarão a fantasia tão presente na experiência infantil.

O fato de serem textos curtos, construídos numa letra grande, favorecem a leitura fácil e rápida, tornando a atividade de leitura prazerosa e instigante. Vale destacar ainda a presença das poucas ilustrações que permeiam a obra ao modo de xilogravuras em azul sobre o papel branco que enriquece o texto e favorece a criatividade do pequeno leitor.

2 SOBRE A PRODUÇÃO DE MARINA COLASANTI

Marina Colasanti nasceu na Etiópia, em 1937, morando só algum tempo da sua infância na África. Viveu também na Itália e ainda criança chegou ao Brasil juntamente com sua família no ano de 1948, se estabilizando na cidade do Rio de Janeiro, onde reside até hoje. Marina possui nacionalidade brasileira e naturalidade Italiana.

Segundo López (2009), Marina Colasanti estudou pintura, trabalhou como apresentadora de televisão, entrevistadora, editora e apresentadora, roteirista, redatora do Caderno B, atuou no Jornal do Brasil, ilustradora, cronista, colunista, subeditora, secretária de texto e ganhou muitos prêmios de Jornalismo.

Seu primeiro livro foi lançado no ano de 1968, intitulado *Eu sozinha*. A partir daí foram lançados mais de 30 obras, incluindo o livro de contos *Uma ideia toda azul*, no ano de 1979, alcançando o Prêmio de Melhor Livro para Jovens, outorgado pela Associação Paulista de Críticos de Arte, e pela Fundação Nacional do Livro Infante-Juvenil.

Marina Colasanti escreveu inúmeros contos, poesias, novelas, ensaios e crônicas. No entanto, sua propensão aparenta ser as narrativas breves que abordam características inerentes ao imaginário dos contos de fadas, com reinos, cisnes, princesas, unicórnios e fadas. Assim, a própria autora afirma que procura na sua obra erguer construções simbólicas do fantasioso, mudando nossa realidade externa, porém, a realidade interna composta por medos e fantasias se mantém inalterada. Vale destacar que mesmo em um mundo tecnológico, o interesse e busca da autora se voltam para o que ela própria chama de “intemporal” – o inconsciente. Como nossa proposta de análise não se insere no campo psicológico ou psicanalítico não iremos nos aprofundar no assunto, porém, tentaremos entender apenas um pouco sobre o que seria o inconsciente. Segundo CarmelPsi autor de uma página eletrônica chamada Psicopauta publicada no ano de (2010), diz que:

O inconsciente refere-se a conteúdos mentais/emocionais não acessados pela razão, pela consciência. É composto de memórias esquecidas, experiências reprimidas, percepções subliminares, experiências afetivas, sensações e intuições. É como um “espaço” psíquico que funciona como um “baú” repleto de fantasias, desejos e emoções de difícil controle.

Em vista disso, percebemos que Colasanti trabalha exatamente nessa perspectiva, pois, conforme identifica López (2009), a autora se coloca na literatura justamente com essa visão, ou seja, a de não objetivar, permanecer na margem do ser humano, mas em galgar na sua essência mais profunda, aquilo que perdura, no entanto, não necessita de um período fixo. Sendo assim, Marina Colasanti afirma que é com a realidade interior imutável, repleta de medos e fantasias que dialogam as fadas, “interatuando metaforicamente em qualquer ocasião e em todas as estações”.

3 UMA IDEIA TODA AZUL: verificando as marcas do imaginário infantil na narrativa de Marina Colasanti

3.1 A criança, a leitura e o imaginário

O conto uma “Ideia toda Azul” revela a história de um Rei que certo dia teve uma brilhante ideia, tão perfeita que guardou o segredo somente consigo. Mas essa ideia era tão linda que o Rei nem sequer se acreditava. Brincou com ela maravilhado entre os jardins do reino, escondendo-a em seus próprios pensamentos só para ter motivo de reencontrá-la novamente para sentir a mesma alegria e emoção.

Até que determinado momento, o Rei decidiu guardá-la para que ninguém, mais ninguém, tivesse interesse por ela. Escondeu a ideia debaixo de seu manto, subiu as escadas do Castelo e a guardou na Sala do Sono. “Deitou” a ideia adormecida em uma cama de marfim. Trancou a porta e colocou a chave em seu pescoço. Com o passar dos anos o Rei lembrou-se da linda ideia toda azul e voltou para reencontrá-la, porém, já não existia mais a mesma graça, não sentia prazer sequer em rir; chorou, deixou a ideia ainda adormecida e fechou a porta para sempre.

Como podemos observar, o conto nos insere no universo criativo do imaginário infantil, sobretudo porque o protagonista da história é um rei, elemento dos contos de fadas que nos remete para o mundo encantado dos castelos, frequentado por reis, rainhas, príncipes, princesas, fadas e outros elementos do mundo encantado. Cenário justamente característico de Marina Colasanti, que cria e recria por excelência o mundo incrível da mente da criança, conforme declara a autora na apresentação da coletânea: “(...) acho importante esclarecer que meu interesse e minha busca se voltam para aquela coisa intemporal chamada de inconsciente”. (COLASANTI, 1979)

Sabemos que a criança aprende e apreende o mundo através da observação, imitação, e também da imaginação, uma vez que ela se socializa através do brincar. Portanto, o lúdico se torna fundamental na infância, pois brincando é possível criar sentidos lúdicos para vida. É preciso então aguçar o imaginário nos pequenos e, para isso, a leitura se torna uma necessidade fundamental. Acreditamos que em contatos com contos como esse, em que a fantasia vivenciada por personagens como o rei que esconde uma ideia maravilhosa, a criança tende a se identificar com

esse universo criado e em contato com esse imaginário, construir sua identidade, sendo capaz de, pela imaginação, refletir sua própria experiência. Nesse sentido, podemos afirmar que a fuga da realidade em alguns momentos se torna uma necessidade, na medida em que a leitura de um conto ficcionado como este permite uma reflexão sobre a experiência humana. Por isso que alguns teóricos – a exemplo dos que defendem a estética da recepção – vão afirmar que a leitura amplia os horizontes de expectativas dos leitores.

Vale ressaltar que a leitura precisa ser encarada pela escola como uma atividade prazerosa, pois cremos que só assim o aluno terá seu interesse por essa atividade despertado. Sabemos que de um modo geral ao falar em texto o aluno associa essa atividade a tarefa, obrigação de algo. Por essa razão, conforme já afirmamos anteriormente, precisamos modificar o modo de explorar a leitura em sala de aula, tomando-a como algo prazeroso. Caso contrário, continuaremos a não formar leitores, realidade muito comum hoje em muitas escolas.

Ainda se tem muito que aperfeiçoar na escola, em questão de ensino de leitura, porém ler é uma porta aberta para diversos caminhos, constrói novas ideias, liberta o ser na sua plenitude. Se tratando de criança e imaginário, não existe meio mais eficaz que introduzir o método da leitura no cotidiano da criança, e a literatura infanto-juvenil faz muito bem esse papel. Pois, conforme assegura Vilar (2001, p. 07) essa literatura é unanimemente provada:

A importância da leitura infanto-juvenil e não falta quem a recomende, não há programa que não a torne prioritária, não há professor que não saliente a sua importância. O único problema é que até hoje não se inventou a 'fórmula' que torne a leitura na escola "revolucionária" e diversa daquela compreendida com os textos chatos do passado.

Sendo assim, percebemos que a literatura infanto-juvenil pode influenciar o processo de desenvolvimento cognitivo do leitor, seja ele infantil, seja adulto, capaz de despertar a liberdade de pensar, criticar e imaginar o mundo de maneira ainda mais diferente.

Ainda no que diz respeito ao universo do imaginário, vale a pena considerar a ideia de brincadeira que se faz tão importante no universo infantil e que atua como elemento indispensável na formação da criança. Brincar lembra infância, consiste em divertir-se, sonhar, imaginar, viajar em um mundo inusitado, em fim, fugir da realidade. A criança vive essa maravilhosa fase constantemente – (ou pelo menos deve viver), sendo uma das bases do crescimento saudável de um pequeno. Para

Pereira (2001), a palavra brincar acarreta uma gama de significados, de acordo com o contexto inserido, por exemplo, brincar e brincadeira podem até ser sinônimo de mentira, de algo sem valor, ou às vezes de embromação, “É brincadeira!”.

O autor também se refere ao sentido de jogo e afirma que existem diversos tipos de jogos: jogo educativo, jogo social, sexual, lúdico, político, em fim. Segundo Cascudo (1954/1984, *apud* Pereira 2001), sucedeu que neste século, baseada na “divulgação pedagógica”, o jogo passou a ser sinônimo de brincadeira infantil. Dai juntando criança, brincadeira e jogo, resultamos em lúdico. Porém, o jogo apresenta um aspecto provido de um sistema limitado e fixo, enquanto a brincadeira porta uma estrutura menos delimitada e bem mais flexível, menos rigorosa que o jogo. Para o lúdico o termo mais disposto segundo o autor é prazer, possível de acontecer com muito mais facilidade, sem divergências.

Assim, a brincadeira é de suma importância para a criança, e também para o adulto. Voltando ao conto em análise, encontramos reflexos de imaginação e brincadeira pelo texto, como por exemplo, o momento em que o Rei viveu o ludicismo com a sua ideia, imaginando, brincando, ao ponto de guardá-la bem guardada, para em outro momento de sua vida reencontrá-la, mesmo na velhice: “(...) – ninguém mais me olha. Agora posso buscar minha linda ideia e guarda-la só para mim”. (COLASANTI, 1979, p. 19).

Lembremos ainda o que afirma Pereira (2001, p. 02) sobre o brincar: “Há uma ‘significância’ na atitude lúdica, pois quem brinca diz alguma coisa e esse dito está repleto de conteúdos da existência humana”. De fato, se lermos mais detidamente o conto de Marina, verificamos que a narrativa gira em torno da primeira e única ideia de um rei e essa ideia é fixa e triste, pois revela a condição de solidão que marca a experiência do rei. Sendo assim, podemos interpretar o conto como uma espécie de denúncia ou crítica a tentativa de algumas pessoas preencherem seu próprio vazio, seus anseios e infelicidade em outro ser. O conto deixa claro que a obsessão e o egoísmo levam o rei à infelicidade. Desse modo, o conto nos permite fazer o seguinte questionamento: a felicidade só existe quando se tem ou está ao lado de alguém?

Observe que o comportamento do rei retrata o imaginário infantil não apenas porque protagoniza o rei – um dos personagens célebres dos contos de fadas tradicionais – mas porque também recupera o brincar tão característico da infância. No enredo do conto, quando ele tem a ideia, veja como se comporta: “Desceu com

ela para o jardim, correu com ela de esconder entre outros pensamentos, encontrando-a sempre com igual alegria, linda ideia dele toda azul. Brincaram até o Rei adormecer encostado numa árvore” (COLASANTI, 1979, p. 19).

Não há dúvidas de que o brincar remete para o mundo da infância, indicando um de seus traços principais – no seu dinamismo, no ludismo que caracteriza essa atividade, na fantasia em que muitas vezes as crianças criam seus mundos imaginários, afinal, conforme descreve Carvalho (1989, p. 21):

A criança é criativa e precisa de matéria-prima sadia, e com beleza, para organizar seu “mundo mágico”, seu universo possível, onde ela é dona absoluta: constrói e destrói. Constrói e cria, realizando tudo o que ela deseja. A imaginação bem motivada é uma fonte de libertação, com riqueza. É uma forma de conquista de liberdade, que produzirá bons frutos, como a terra agreste, que se aduba e enriquece, produz frutos sazonados.

Além disso, o conto, na sua essência, nos propicia uma reflexão de foro íntimo, revela o egoísmo humano, tão recorrente nas ações entre as pessoas. No geral, os contos dessa coletânea nos levam para lugares imaginários e vão revelando sonhos, fantasias, medos, desejos e outros sentimentos presentes na alma humana. Por essa razão, acreditamos ser fundamental importância a leitura dos mesmos em sala de aula. O simbolismo representado pela figura do rei provoca uma reflexão que pode ser apreendida pelo leitor em formação, que terá a oportunidade de avaliar seu comportamento e ampliar sua experiência a partir do contato com o personagem do conto. Desse modo, o conto cumpriria uma importante função social. Nesse sentido é que afirmamos que a leitura de narrativas como essa contribui para a formação da personalidade do leitor em construção.

As narrativas de Marina Colasanti se compõem em uma linguagem bastante simples e acessível. O livro que veicula o conto em análise – também intitulado *Uma ideia toda azul* - apresenta dez contos pequenos, de fácil manejo, com estrutura textual curta, nos proporcionando uma leitura rápida e gostosa. Segundo Lòpez (2009, p. 417):

Analisando a materialidade dos textos e pensando no estilo das ilustrações, feitas pela própria autora, poder-se-ia dizer que o livro está dirigido a um público não tão infantil, devido à falta de cores e à síntese do conto numa só ilustração.

Atentando para o comentário da autora citada acima, podemos muito bem compreender que a mesma supõe que o livro *Uma ideia toda Azul*, de forma geral,

aparentemente pela sua estética gráfica não se adequa ao público infantil, pelo fato de não apresentar uma cartela de cores diversas, - por associarmos o colorido, o bonito à infância. No entanto, a escolha das cores azul e nanquim, usadas pela autora da obra, é na verdade proposital, com o intuito de demonstrar a carência e melancolia das personagens, através da leitura visual. Vale salientar que a presença de reis, rainha, príncipes e princesas, unicórnios, conforme já afirmamos, nos remete para o imaginário infantil.

Sobre o significado da cor, Farina (2006, p. 127, *apud* Jesus et all 2015, p.05) afirma: “a cor é a alma do design e está particularmente arraigada nas emoções humanas”. Especificamente sobre a cor azul, os autores explicam que essa cor, predominante na obra, exprime, por exemplo, o atraente, além de personificar a boniteza, a realidade e a fantasia. Na capa do livro em questão, é perceptível a cor azul, que pode ser interpretada como uma relação de infelicidade, frialdade e soledade das personagens.

Segundo o dicionário dos símbolos de Chevalier & Gheerbrant (2015, p. 107), nos afirma que: “(...) O azul é a mais **imaterial** das cores: a natureza o apresenta geralmente feito apenas de transparência, i. e.; de vazio acumulado, vazio de ar, vazio de água, vazio do cristal ou do diamante. O azul é exato, puro e frio”. Assim, as cores influenciam bastante a vida das pessoas, seja em que caráter for, possibilitando diversas emoções. A respeito disso Farina (2006, p. 18, *apud* Jesus et all 2015, p.05), nos revela que:

As cores influenciam a vida das pessoas tanto no caráter fisiológico quanto psicológico. Proporcionam alegria, tristeza, exaltação ou depressão, calor-frio, equilíbrio-desequilíbrio, ordem-desordem. Se as cores são “positivas” e combinadas, a reação também será positiva.

Voltando ao conto estudado, frisamos como exemplo a imagem do rei protagonista da história, ilustrada na obra com um semblante cabisbaixo, deprimido e melancólico. A ausência de cores, e o forte sombreamento, parece claramente transmitir ao leitor uma ideia concreta da excessiva tristeza, e solidão em que perdurava o rei.

Portanto, o desenredo dessa história, comprova que a compulsão, vaidade e egoísmo encaminham o rei ao exílio e, resultando à infelicidade. Devido à divergência de idade e mundo, não existia mais graça entre o rei, e a ideia. “Como

naquele dia, jovem, tão jovem, uma ideia menina. E linda. Mas o rei não era mais o Rei daquele dia. Entre ele e a ideia estava todo o tempo passado lá fora, o tempo todo parado na Sala do Sono”. (COLASANTI, 1979, p. 19). Por isso, a infelicidade é permanente e profunda nas vidas das personagens, por presumir que possuir algo ou alguém, é sinônimo de felicidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do conto “Uma ideia toda azul”, de Marina Colasanti, retrata o imaginário infantil – especialmente o universo dos contos de fadas – na medida em que nos inserem no meio de reis, rainha, príncipes, princesas e unicórnios. De modo que a leitura de seus contos permite um retorno a esse imaginário, possibilitando o contato com a fantasia, além de nos provocar uma reflexão em torno dos medos que povoam o nosso inconsciente, evidenciando a solidão a que muitos de nós nos encontramos.

Acreditamos que a partir do momento que o adulto, jovem ou criança entra em contato com o mundo fascinante da leitura, seu modo de pensar e agir tende a mudar significativamente e, libertando a imaginação, abrir caminhos que levam a solução de diversos conflitos pessoais. A literatura tem esse poder transformador, assumindo, assim, uma importante função social.

É basicamente nessa perspectiva que a literatura se realiza através dos contos de fada, com valorosa função de idealização na formação do ser-leitor. Concebendo e entendendo a natureza da criança ao adulto, sem atribuições pedagogizantes, e sim acrescentando e conservando as singularidades de cada um.

Portanto, é também de nosso maior interesse que a literatura continue cumprido esse papel, e que nosso trabalho seja mais um canal de contribuição de novas descobertas desse mundo fantástico. Proporcionando sempre, cada vez mais, interesse por conhecer novos caminhos de leitura e reflexão, em torno da irrealidade, a imaginação.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira (Org.). **Era uma vez ...** na escola: formando educadores para formar leitores. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos. **A literatura Infantil – Visão Histórica e Crítica** – 6ª Ed. São Paulo: Global, 1989.

COLASANTI, Marina. **Uma ideia toda azul.** 2ª ed. 1979.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: teoria e prática.** 18 ed. São Paulo; Ática, 2003.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos: Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números.** 27 ed. Rio de Janeiro; José Olympio, 2015.

HELD, Jaqueline. **O imaginário no poder: As crianças e a literatura fantástica.** Tradução: Carlos Dias. São Paulo: Summus, 1980.

LÓPEZ, Gilda Teresa Contreras. **As fadas voltam: uma ideia toda azul.** In: **CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS.** 3, 2007, Maringá. Anais... Maringá, 2009, p. 411-421.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico.** 4a ed. São Paulo: Editora Atlas, 1992.

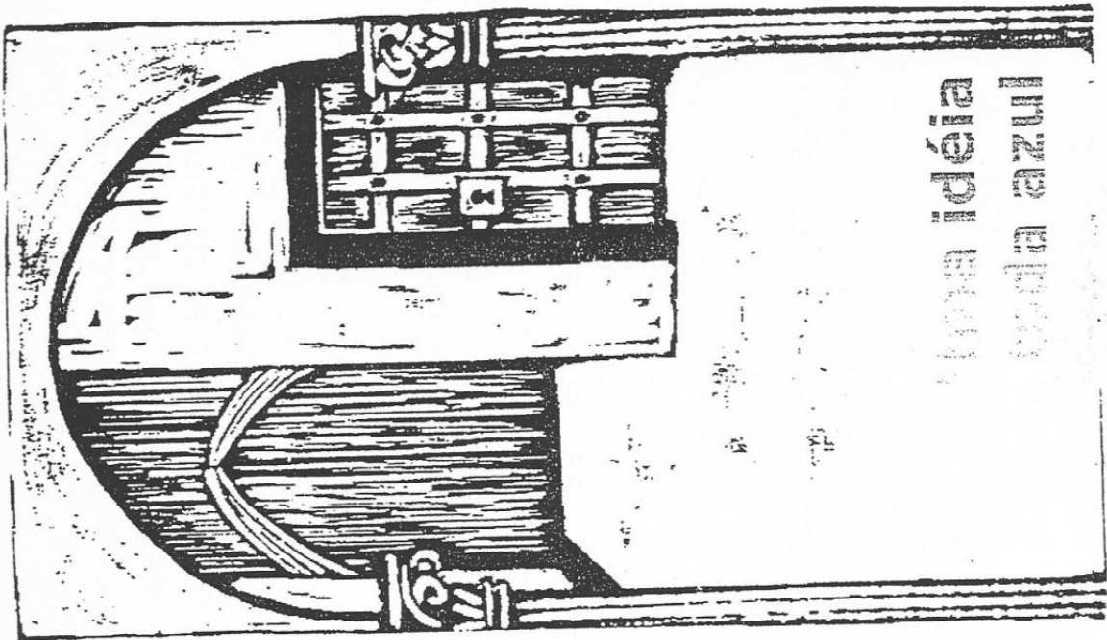
PEREIRA, Eugenio Tadeu. **Brincar, brinquedo, brincadeira, jogo lúdico.** In: *Presença Pedagógica.* V. 7. n. 38. març/abr. 2001.

VILAR, Socorro de Fátima. **Eu odeio paradidáticos: a criança, o livro e a escola.** In: *Presença Pedagógica.* V. 7. n. 38. març/abr. 2001.

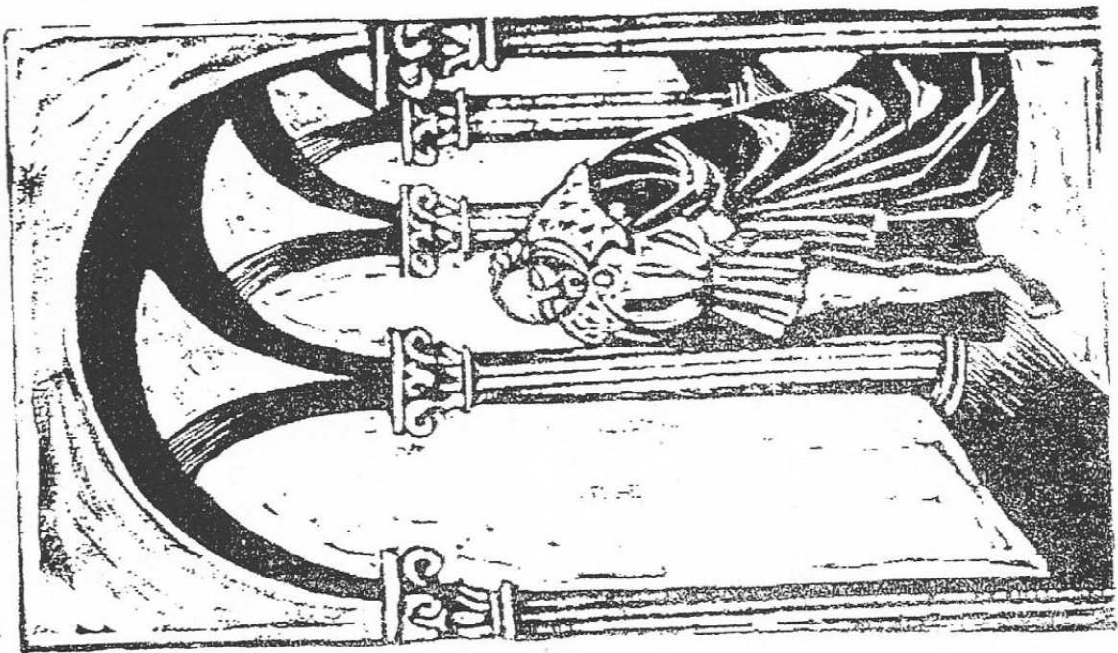
Webgrafia:

- <http://ple.uem.br/3celli_anais/trabalhos/estudos_literarios/pdf_literario/044.pdf>
- <<http://187.6.250.232:8081/jspui/bitstream/123456789/52/1/ONDE%20EST%20%81%20A%20FELICIDADE%20UMA%20INTERPRETA%20%87%20%83O%20DE%20DOIS%20CONTOS%20DE%20UMA%20IDEIA%20TODA%20AZUL%20%2c%20DE%20MARINA%20COLASANTI.pdf>>
- <<https://psicopauta.wordpress.com/2010/03/02/o-que-e-o-inconsciente/>>
Acessado dia: 30/10/2017

ANEXOS



Uma idéia
toda azul



Um dia o Rei teve uma idéia.

Era a primeira da vida toda, e tão maravilhado ficou com aquela idéia azul, que não quis saber de contar aos ministros. Desceu com ela para o jardim, correu com ela nos gramados, brincou com ela de esconder entre outros pensamentos, encontrando-a sempre com igual alegria, linda idéia dele toda azul.

Brincaram até o Rei adormecer encostado numa árvore.

Foi acordar tateando a coroa e procurando a idéia, para perceber o perigo. Sozinha no seu sono, solta e tão bonita, a idéia poderia ter chamado a atenção de alguém. Bastaria esse alguém pegá-la e levar. É tão fácil roubar uma idéia. Quem jamais saberia que já tinha dono?

→ Com a idéia escondida debaixo do manto, o Rei voltou para o castelo. Esperou a noite. Quando todos os

olhos se fecharam, saiu dos seus aposentos, atravessou salões, desceu escadas, subiu degraus, até chegar ao Corredor das Salas do Tempo.

Portas fechadas, e o silêncio.

Que sala escolher?

Diante de cada porta o Rei parava, pensava, e seguia adiante. Até chegar à Sala do Sono.

Abriu. Na sala acolchoada os pés do Rei afundavam até o tornozelo, o olhar se embaraçava em gazes, cortinas e véus pendurados como teias. Sala de quase escuro, sempre igual. O Rei deitou a idéia adormecida na cama de marfim, baixou o cortinado, saiu e trancou a porta.

A chave prendeu no pescoço em grossa corrente. E nunca mais mexeu nela.

O tempo correu seus anos. Idéias o Rei não teve mais, nem sentiu falta, tão ocupado esteve em

governar. Envelhecia sem perceber, diante dos educados espelhos reais que mentiam a verdade. Apenas, sentia-se mais triste e mais só, sem que nunca mais tivesse tido vontade de brincar nos jardins.

Só os ministros viam a velhice do Rei. Quando a cabeça ficou toda branca, disseram-lhe que já podia descansar, e o libertaram do manto.

Posta a coroa sobre a almofada, o Rei logo levou a mão à corrente.

- Ninguém mais se ocupa de mim - dizia atravessando salões e descendo escadas a caminho das Salas do Tempo - ninguém mais me olha. Agora posso buscar minha linda idéia e guardá-la só para mim.
Abriu a porta,

levantou o cortinado.

Na cama de marfim, a idéia dormia azul como naquele dia.

Como naquele dia, jovem, tão jovem, uma idéia menina. E linda. Mas o Rei não era mais o Rei daquele dia. Entre ele e a idéia estava todo o tempo passado lá fora, o tempo todo parado na Sala do Sono. Seus olhos não viam na idéia a mesma graça. Brincar não queria, nem rir. Que fazer com ela?

Nunca mais saberiam estar juntos como naquele dia.

Sentado na beira da cama o Rei chorou suas duas últimas lágrimas, as que tinha guardado para a maior tristeza.

Depois baixou o cortinado, e deixando a idéia adormecida, fechou para sempre a sua porta.

*Na verdade ninguém nunca
sabe o que a idéia
está pensando
e quando que
depara
sua
idéia
sobre
mundo*

